DIÁRIO DE BORDO

SOJA

ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro) e embaixador especial da FAO para as Cooperativas

ATUALMENTE, SÃO plantados, no Brasil, cerca de 33 milhões de hectares de soja, de Roraima ao Rio Grande do Sul, do Acre à Bahia, produzindo mais de 3.000 quilos por hectare. É, sem dúvida, uma história curta de grande sucesso de uma cultura que, em 1965, ocupava 400 mil hectares e produzia 1.200 quilos por hectare e que, junto à braquiária e ao zebu, abriu todo o imenso sertão do Brasil (do Centro-Oeste, do Nordeste e, até mesmo, do Norte) e ajudou a modernizar as antigas fazendas de cana e de café do Sudeste e do Sul.

Estamos terminando a colheita de mais uma grande safra de soja, apesar do estrago feito em algumas vastas áreas do Sul e do Nordeste pelo El Niño, que derrubou a produtividade e destruiu a renda rural. Devemos colher mais de 113 milhões de toneladas do grão.



Segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE), cerca de 70 milhões de toneladas serão exportados e outros 43 milhões de toneladas serão processados pela indústria brasileira. Daí sairão 32,6 milhões de toneladas de farelo de soja e 8,6 milhões de toneladas de óleo.

Parte do farelo – 16 milhões de toneladas – será exportada também, e o restante irá para o consumo doméstico, transformando-se em proteína animal.

Quanto ao óleo, 0,4 milhão vai para fora e 8,2 milhões ficam aqui, com uma crescente novidade: a maior parte – 4,2 milhões de toneladas – será destinada à produção de biodiesel.

Esses números poderiam ser muito melhores se agregássemos valor aos grãos exportados, vendendo proteína animal "construída" com farelo de soja e milho ou, no mínimo, exportando mais farelo e óleo. Questões ligadas a tributos ou a regras de comércio internacional (escalada tarifária) têm limitado essa possibilidade. Mas, acima de tudo, está o interesse (legítimo até) dos países importadores de fazerem a industrialização localmente e não importarem produto já transformado.

Que países são esses? Ainda segundo a ABIOVE, 82,3% dos grãos exportados em 2018 foram para a China, um enorme e perigoso contingente gerador de grande dependência para tal país. A União Europeia vem em seguida, com 6,1%, e, logo após, aparecem a Turquia e a Tailândia, mas nenhum com mais de 2% do total exportado, uma insignificância.

Já com o farelo, as coisas são diferentes: 49,6% foram para a União Europeia, 14,4% para a Tailândia, 10,5% para a Coreia do Sul, 10,1% para a Indonésia, 6,3% para o Vietnã e outros 10,1% para uma porção de diferentes e menores mercados.

E o óleo tem 53,3% exportados para a Índia, 16,2% para a China, 13,0% para Bangladesh e o resto para diversos outros mercados menores.

Uma vez que os preços do grão de soja são determinados pelo mercado, os produtores, as indústrias e as *tradings* acabam operando com grandes volumes para fazer escala, levando-se em conta que as margens são muito baixas, não superando 2,2% do faturamento.

Dois grandes desafios apresentam-se para 2019: aumentar as exportações de farelo e óleo em vez de grão e aumentar a porcentagem do biodiesel no diesel consumido por veículos e máquinas agrícolas. Para o primeiro objetivo, é indispensável a ação do Governo, seja na área tributária, seja nas negociações comerciais internacionais. Para o segundo, a saída está no RenovaBio, plano que irá elevar a mistura de biodiesel a no máximo 15% até 2023. ■